

ENSINANDO A SER TRABALHADOR: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES NO TELECURSO 2000¹

WENDORFF, Tatiana da Silva– UNISINOS/RS

GT: Trabalho e Educação/n. 09

Agência Financiadora: CNPq

A presente pesquisa – Ensinando a ser trabalhador: um estudo das representações no Telecurso 2000 – teve por objetivos: identificar o perfil de trabalhador representado no Telecurso 2000 e configurar de que modo os adultos trabalhadores participantes desse projeto de educação a distância se viam representados nas teleaulas. Neste sentido, a pesquisa segue a proposta de Fischer (2002), que sugere um passo adiante no campo da pesquisa em mídia e educação, assinalando a importância de outras formas de investigação que estabeleçam “um movimento permanente entre a análise dos produtos midiáticos e a escuta de grupos selecionados de espectadores” (FISCHER, 2002, p. 90). Sendo assim, este estudo buscou privilegiar não somente a visão do pesquisador em relação ao programa analisado, mas também, desenvolver uma escuta junto a um grupo de telealunos.

1. CARACTERIZANDO O TELECURSO 2000

Para alcançar os objetivos propostos, inicialmente realizei uma caracterização do Telecurso 2000, com base em roteiro de análise de produtos televisivos proposto por Fischer (2001). Neste roteiro, a autora sugere que sejam respondidas, pelo pesquisador, seis questões: Pergunta número um: “Que tipo de programa é esse?”; pergunta número dois: “Quais os objetivos desse artefato? Quais suas estratégias de veiculação? A quem ‘se endereça?’”; pergunta número três: “Qual a estrutura básica do programa?”; pergunta número quatro; “Afinal, de que trata esse programa? Quem fala e de que lugar?”; pergunta número cinco: “Com que linguagens se faz este produto?”; pergunta número seis: “Que relações fazer entre esse artefato da mídia e outros problemas, teorias ou temáticas de interesse para a educação?”.

A primeira pergunta diz respeito à caracterização do tipo de programa analisado. Fischer (2001) destaca que, apesar de diversos autores da área da comunicação afirmarem que no mundo pós-moderno em que estamos inseridos não há uma distinção clara entre os “gêneros” televisivos, “[...] vale a pena distinguir tipos de programas, gêneros e formatos [...]” (FISCHER, 2001, p. 93).

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico –CNPq – Brasil.

Arlindo Machado (apud FISCHER, 2001) distingue dois modelos de programas televisivos: os programas de informação e os programas de ficção. Os programas de informação, como o próprio nome indica, se destinam a informar e, em certos casos, a entreter os telespectadores. Dos programas de informação fazem parte os telejornais, documentários, programas instrucionais, os didáticos, os programas de auditório e de entrevistas. São considerados programas de ficção ou “de fantasia” as telenovelas, os filmes produzidos especialmente para a TV, os programas de humor e as minisséries.

Fischer (2001) destaca a importância de se analisar cuidadosamente o programa antes de definir uma classificação, já que, cada vez mais, não há limites entre ficção e realidade.

Partindo dessas considerações, é possível afirmar que o Telecurso 2000 é um programa de informação de natureza instrucional que tem como um de seus objetivos a formação do trabalhador. De acordo com o *Manual do orientador de aprendizagem* (1996): “a proposta **está direcionada à formação para o mundo do trabalho**, por meio da **educação a distância**, com uso de multimeios (TV, vídeo, material impresso)” (SENAI, 1996b, p. 7, grifos do documento).

O programa é uma mescla de realidade e ficção: no decorrer das teleaulas, ocorrem, concomitantemente, “explicações” dos conteúdos das disciplinas, apresentações de entrevistas com pessoas que passam nas ruas do Rio de Janeiro ou com trabalhadores “reais” em seus lugares de trabalho e teatros/telenovelas com artistas de telenovelas. Sua programação envolveu filmes e documentários, assim como a participação de artistas brasileiros famosos, como Francisco Cuoco, Paulo Gracindo, Gianfrancesco Guarnieri, Antônio Fagundes, Milton Gonçalves, entre outros.

A segunda pergunta se refere aos objetivos do programa, às estratégias de veiculação do emissor e “a quem se endereça” o programa em questão. Neste item a autora sugere a observação de mais de um exemplar do programa a ser analisado², considerando o contexto em que o programa foi produzido.

O Telecurso 2000³ afirma ser um método de ensino supletivo de 1º e 2º graus, desenvolvido com ajuda de diversas organizações, governamentais ou não:

² Para o desenvolvimento da presente pesquisa, foram observadas 20 teleaulas do Telecurso 2000, em nível de 1º grau, sendo 10 de Matemática e 10 de História do Brasil.

³ Estes dados foram obtidos no site oficial do Telecurso 2000 na internet: <http://www.telecurso2000.org.br>.

[O Telecurso 2000 foi] desenvolvido com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), é uma parceria entre o Ministério do Trabalho e Emprego, através da Secretaria de Formação e Desenvolvimento Profissional (SEFOR); a Confederação Nacional da Indústria (CNI), através do Serviço Social da Indústria (SESI); a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP); o Canal Futura e a Fundação Roberto Marinho. (TELECURSO 2000, 2003, on-line).

O objetivo do Telecurso 2000 é a educação dos adultos que não tiveram acesso à escola. O projeto Telecurso 2000 afirma que pretende “aumentar a escolaridade do trabalhador brasileiro através do método de educação a distância” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2003, *on-line*), articulando os conhecimentos teóricos e práticos, específicos da área profissionalizante. A proposta básica do Telecurso 2000 é a formação para o trabalho. No entanto, esta formação para o trabalho não deve ser dissociada da realidade, da vida social; os conhecimentos adquiridos pelos alunos nessa formação devem contribuir para uma efetiva inserção e participação na sociedade e para uma atuação profissional mais produtiva.

Segundo o documento do SENAI/RS *Manual do orientador de aprendizagem*:

O que se busca é a harmonia entre a realidade, a vida social e o mundo do trabalho. Em síntese, espera-se que o aluno tenha acesso aos conhecimentos básicos e profissionalizantes que o ajudarão a compreender a sociedade e dela participar – exercendo seus direitos e deveres de cidadão – e atuar profissionalmente de modo competente e produtivo. (SENAI-RS, 1996b, p. 6).

O Telecurso 2000 é um programa de educação a distância utilizado por empresas que querem “qualificar sua mão-de-obra”. Escolas também utilizam o Telecurso 2000 com o objetivo de proporcionar o término de estudos a pais de alunos e à comunidade em geral. Segundo dados da internet sobre o Telecurso 2000:

Através do Projeto Telessalas 2000, as entidades comunitárias e outras organizações da sociedade civil, as empresas e o governo atuam em parceria no enfrentamento de um de nossos problemas mais urgentes. Assumindo, assim, um papel estratégico em relação ao crescimento econômico da região, do estado e do município e, principalmente, ao bem-estar de sua população e do próprio indivíduo. (TELECURSO 2000, 2003, *on-line*).

A outra dimensão envolvida nessa segunda questão diz respeito a “a quem se endereça o programa?”, uma vez que em todos os artefatos da mídia sempre há um endereço certo, um tipo de destinatário.

O “modo de endereçamento” referido por Fischer (2001) é um termo utilizado por Elisabeth Ellsworth em estudos acerca do cinema. Ellsworth (2001) afirma que “modo de endereçamento” se resume na pergunta: “Quem este filme pensa que você é?”

(ELLSWORTH, 2001, p. 11). Em se tratando da presente pesquisa, a questão que se coloca em relação aos “modos de endereçamento” poderia ser assim formulada: “Quem o Telecurso 2000 pensa que este adulto trabalhador é?”

Ellsworth, em seu texto “Modos de endereçamento: uma coisa do cinema; uma coisa da educação também” (2001, p. 16), refere que os modos de endereçamento não são movimentos falados ou visuais, mas uma “*relação*”, no caso do Telecurso 2000, uma relação entre o Telecurso e seus telealunos. De acordo com a autora: “O modo de endereçamento parece-se mais com a estrutura narrativa do filme do que com seu sistema de imagem. Tal como a história ou a trama, o modo de endereçamento não é visível” (ELLSWORTH, 2001, p. 16). Nos “modos de endereçamento” estão as representações acerca dos adultos trabalhadores projetadas pelo Telecurso 2000, as quais são objeto de análise específica, neste capítulo, item 6.2 – o perfil do trabalhador no Telecurso 2000: representações sobre o trabalho/ trabalhador e o processo de formação do trabalhador.

A terceira pergunta diz respeito à estrutura do programa. Envolve a análise da estrutura em que o programa foi idealizado, o tempo total do programa, a duração de cada parte, de cada bloco ou segmento que compõe o programa

O Telecurso 2000 está estruturado em três segmentos: o 1º. Grau, o 2º Grau e o Curso Profissionalizante. Estes cursos estão estruturados em fases, sendo que cada fase corresponde a um semestre. Cada curso se divide em três fases, tendo a duração total de 18 meses.

O Telecurso 2000 1º grau, especificamente, tem a duração de 360 horas, distribuídas entre estudos individuais, em grupo e pela TV. A carga horária do Telecurso 2000 1º grau está assim estruturada

A estrutura das teleaulas 2000 segue um padrão único: as teleaulas têm uma duração de 15 minutos, divididas em três partes: introdução, desenvolvimento e revisão.

As aulas se iniciam com uma introdução, geralmente através de uma pequena história produzida pelos atores do programa. A seguir, apresenta-se o título da teleaula e inicia-se a “aula” propriamente dita. A teleaula é iniciada com uma história, que lembra uma *novela* em que o assunto da aula é inserido no contexto da história. Nessa explanação inicial e no desenvolvimento da teleaula, são mesclados momentos em que há a *novela* e os momentos em que são mostrados trabalhadores “reais”, entrevistados em seus locais de trabalho.

Após a *explicação inicial* da teleaula e o *desenvolvimento da história*, segue a *hora da revisão* dos assuntos da teleaula, em alguns minutos finais. Depois da revisão, aparecem atores que atuam no Telecurso 2000, e os mesmos sugerem que os alunos estudem no livro e que tirem as dúvidas com os orientadores de aprendizagem.

Além disso, em diversas ocasiões, são lançadas situações-problema no decorrer das histórias. Nesse momento, a imagem “se congela” e aparece uma *apresentadora*, que se dirige aos telealunos na condição de *especialista*, assumindo o papel de questioná-los e *fazê-los pensar*.

A quarta pergunta diz respeito a “do que trata” o programa, “quem fala” nesse programa e “o que fala”.

O Telecurso 2000 é um programa de educação a distância veiculado pela Rede Globo e por TVs educativas. As telessalas utilizam o material do Telecurso 2000, constituído por livros didáticos de disciplinas do programa e fitas de vídeo, utilizadas para a exposição das aulas.

O Projeto Telecurso 2000 visa a educação profissional. O Telecurso é ancorado no eixo produção/qualificação, entendendo que o desenvolvimento técnico e o humano são condições para a cidadania (CARVALHO, 1999).

O Telecurso 2000 foi criado, como já referido anteriormente, para poder desenvolver o pensamento pedagógico do empresariado brasileiro. O projeto contava com um Comitê Diretor, com representantes da Fundação Roberto Marinho – Marcos Formiga⁴ – e do Sistema FIESP – Hugo Barreto. Foi criado, também, um Conselho Editorial para assessorar o Comitê Diretor nas formulações a respeito do Telecurso 2000 (CARVALHO, 1999).

As diretrizes e fundamentos do Telecurso 2000 foram desenvolvidos por João Batista de Oliveira⁵. Nos documentos – *Manual do orientador de aprendizagem e Capacitação de orientadores de aprendizagem do Telecurso 2000* (SENAI, 1996) – estão especificados a estrutura do Telecurso 2000, o sistema de funcionamento, as avaliações e certificações do projeto.

⁴ O Sr. Marcos Formiga trabalhou na Capes, no CNPq e foi diretor do INEP.

⁵ Cabe destacar que João Batista de Oliveira trabalhou para inúmeras instituições internacionais, entre elas a OIT (Organização Internacional do Trabalho) e o BIRD (Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento) e trabalhou em instituições nacionais como a FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos) e a ABMES (Associação Brasileira das Mantenedoras de Ensino Superior), além de ter sido consultor do Banco Mundial. Esses são organismos conhecidos por compartilhar de uma visão neoliberal de educação.

Os consultores e diretores do projeto Telecurso 2000 “representam” uma posição sobre o trabalho e o trabalhador, sobre a sociedade e o desenvolvimento. Nos documentos produzidos referem a sociedade atual como uma “sociedade capitalista” que exige do trabalhador competências para que o mesmo seja capaz de se relacionar com os demais e de integrar conhecimentos e trabalho.

Acreditando ser a educação básica universal um dos meios de formação de profissionais com os perfis desejados pela indústria, o Telecurso 2000 procura promover uma educação nesse sentido, ou seja, uma educação básica que possibilite ao trabalhador uma melhoria nas suas condições individuais de trabalho e de vida, podendo, dessa forma, melhorar as condições de produção do país. Sendo assim, o Telecurso afirma que a educação para o trabalho e a educação do trabalhador possuem íntima relação com a vida social do sujeito e com a capacidade de produção desse sujeito nas diversas áreas da economia do país.

Na visão do Telecurso 2000, o investimento na área da educação repercute em outras instâncias da sociedade, em cadeia; ou seja, o trabalhador qualificado aumenta a produção qualificada, aumentando sua renda e melhorando sua qualidade de vida e a qualidade de vida da sociedade.

A quinta pergunta se refere aos tipos de linguagens de que o produto é feito. Nesta pergunta, a preocupação da autora é com todos os recursos utilizados para a produção da linguagem audiovisual.

A proposta de Fischer (2001) é de que, neste item, se preste atenção a todos os detalhes da tessitura do programa televisivo, descrevendo, a partir do ponto de vista daquele que olha, de que modo os criadores de determinado programa construíram aquele artefato. A análise a ser realizada depende do tipo de artefato examinado. Segundo Fischer (2001),

poderá sobressair a análise do uso da linguagem verbal, o vocabulário utilizado, a dramaticidade dos diálogos. Poderá também ser assinalado de que modo, num certo anúncio publicitário por exemplo, toda a força recai sobre a sonorização, a frase melódica, o trecho de uma certa composição musical. (FISCHER, 2001, p. 104).

Na presente pesquisa, a análise dos tipos de linguagens de que o Telecurso 2000 é feito não foi o objeto específico de estudo, tendo sido utilizada somente quando necessária à explicitação das representações sobre os trabalhadores nas teleaulas.

A pergunta de número seis se refere às relações entre esse “artefato da mídia” e “outros problemas, teorias ou temáticas de interesse para a educação”.

O Telecurso 2000 constitui-se num projeto de educação a distância para o mundo do trabalho. Neste sentido, oportuniza uma discussão da temática “educação e trabalho”. A análise do referido projeto permite também uma problematização acerca dos modelos de educação de jovens e adultos presentes em projetos de teleeducação: suas finalidades, estratégias de ação e avaliação. Oportuniza, ainda, uma reflexão a respeito das políticas educacionais relativas à formação do trabalhador.

2. O PERFIL DO TRABALHADOR NO TELECURSO 2000

Com vistas a atingir o primeiro objetivo de pesquisa, observei e analisei 10 teleaulas de Matemática e 10 teleaulas de História do Brasil, além de ter examinado documentos do Telecurso 2000. A escolha das disciplinas se deu conforme critérios de ciências humanas e exatas. A disciplina de História foi escolhida pelo seu aspecto político em relação à história do país, e a disciplina de Matemática foi escolhida pelo fato de eu ter trabalhado com essa disciplina em minha prática pedagógica no Telecurso 2000, junto ao Sesi. Para atingir esse objetivo; também realizei uma análise documental do Telecurso 2000, tendo analisado os seguintes documentos: *Manual do orientador de aprendizagem* (SENAI, 1996b) e *Capacitação de orientadores de aprendizagem do Telecurso 2000* (SENAI, 1996a). As análises se deram tendo como “base” meu olhar de pesquisadora acerca das representações de trabalho/trabalhador/processo de formação do trabalhador presentes nas teleaulas e nos documentos.

O processo de análise foi desenvolvido tendo, como quadro teórico, os estudos de Moscovici (1978) sobre representações sociais.

A Teoria das Representações Sociais tem como foco de estudo a maneira como o senso comum se apropria do conhecimento científico. Moscovici considera as representações sociais como possuidoras do potencial de *produzir* tanto critérios de percepção, individual e coletiva, quanto de conduta social e de pensamento. Neste sentido, segundo Rangel (1997, p. 11), “as representações não só refletem os fatos como influem nos atos”.

As representações, de acordo com Moscovici (1978), possuem uma função de constituidoras da realidade que conhecemos e em que vivemos. Além disso, segundo Moscovici, as representações são sempre representações a partir de uma ótica, ou seja, a partir de um lugar e de uma pessoa em particular.

O mesmo autor (1978) afirma que a representação social deve ser encarada como sendo algo ativo, que possui o papel de modelar o que é dado pelo exterior, já

que, na medida em que as pessoas se relacionam com as coisas, elas a constituem de acordo com as interações sociais. Segundo Moscovici (1978), as representações sociais são conjuntos de afirmações, explicações e conceitos, isto é, teorias do senso comum, ou seja, ciências coletivas “sui generis” pelas quais se procede à interpretação e a construção de realidades sociais. De acordo com Sá: “As representações sociais, por seu poder convencional e prescritivo sobre a realidade, terminam por constituir o pensamento em um verdadeiro *ambiente* onde se desenvolve a vida cotidiana” (SÁ, 1993, p. 26).

Além disso, de acordo com Moscovici, a representação social é uma maneira de reprodução das “coisas reais”, porém, cada pessoa que as representa o faz de uma maneira diferente, conforme a realidade social em que vive. Sendo assim, afirma Moscovici:

As representações sociais são conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aqueles e estas, e não de uma reprodução desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior. (MOSCOVICI, 1978, p. 50).

Para Moscovici (1978), o “conceito” de representação é relacional e, justamente por isso, social. Segundo o autor as representações sociais possuem três dimensões: a atitude, a informação e o campo de representação.

A dimensão da *atitude* expressa a orientação global em relação ao objeto de representação, envolve “tomada de posição”, implicando juízo de valor em relação ao objeto representado, qualificando-o como positivo, negativo ou neutro.

A dimensão da *informação* corresponde à “organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social” (Moscovici, 1978, p. 67).

A dimensão do *campo de representação* refere-se à idéia de modelo social, ao conteúdo concreto e limitado das proposições referentes a um aspecto preciso do objeto de representação, ou seja, refere-se ao conteúdo específico das proposições e das afirmações do sujeito a respeito do objeto da representação.

Para fins da análise, no primeiro objetivo, problematizo, de forma inter-relacionada, essas dimensões. Elementos relacionados à dimensão “*informação*” das representações estão presentes nos documentos referentes aos fundamentos e diretrizes do Telecurso 2000. Dados relativos às outras duas dimensões das representações sociais – *campo de representação* e *atitude* – podem ser observados, predominantemente, nas teleaulas.

A partir da observação das teleaulas de Matemática e de História do Brasil, foi possível identificar diversas representações acerca dos adultos trabalhadores e seu processo de formação. A primeira representação que percebi foi a divisão entre o que chamo de “trabalhadores” e o que chamo de “especialistas”. Fica evidente, na observação das teleaulas, que alguns trabalhadores são considerados como especialistas, ou seja, estão ali para ensinar os trabalhadores que não “sabem as coisas”. A função de especialistas é exercida pelos apresentadores, pelos professores e pelo locutor. Assim, na primeira aula de Matemática, *a apresentadora* aparece indagando sobre a situação-problema da teleaula e refere que os telealunos devem “usar a cabeça em proveito próprio”, afirmando: “*Ponha a sua cabeça pra trabalhar pra você*”. O *locutor* surge dando informações a respeito das situações-problema, enquanto os *professores* apresentam explicações teóricas sobre as formas de resolvê-la.

Diferentes trabalhadores estão representados nas teleaulas. Em geral, os trabalhadores, representados por atores, atuam na prestação de serviços: taxista, pedreiro, costureira, repórter, comerciante (dono de padaria), guia turístico, historiador e detetive.

A análise das representações acerca do trabalhador projetadas nas teleaulas observadas, tanto de matemática quanto de história do Brasil, e presente nos documentos examinados, apontou a pretensão do Telecurso de formar um trabalhador que seja adequado ao modelo de produção flexível, também denominado, modelo de produção toyotista.

No desenvolvimento das teleaulas, o Telecurso, sistematicamente, enfatiza/recorre a solução de problemas como metodologia central no processo de formação do trabalhador. Para ilustrar, destaco as seguintes passagens: por exemplo, na primeira teleaula de Matemática, intitulada “Pra que estudar matemática?”, quando o dono da padaria, ao dar o troco para um cliente, explica como fazer uma subtração a partir da dúvida do cliente em relação ao troco dado. Com base nessa situação a teleaula se desenvolve, pesquisando se o troco que o dono da padaria deu estava certo ou não. A sétima teleaula de Matemática, intitulada “Conta de menos”, a situação-problema da aula “surge” quando os amigos Gil e Vicente – repórter e narrador esportivo, respectivamente – precisam contar quantos torcedores estão em um estádio de futebol. Como nenhum dos dois sabe a resposta, a aula se desenvolve problematizando esta questão.

Nas teleaulas de História do Brasil de 1º grau observadas, a abordagem da solução de problemas assume características peculiares, adequando-se à natureza dessa disciplina escolar. Dessa forma, um outro personagem – o detetive – se destaca nas cenas das teleaulas, o qual, ao realizar seu trabalho, problematiza conceitos e acontecimentos históricos. O padrão de ação desse personagem é: formular hipóteses de trabalho, coletar dados, analisar os dados face à hipótese definida inicialmente, elaborar uma conclusão – estas são etapas importantes na utilização do método científico para a solução de problemas.

O processo de resolução de problemas, por sua vez, ocorre sempre em situação de grupo, através de discussões com colegas e trocas de experiências entre eles.

Os trabalhadores representados nas teleaulas são apresentados sempre em seu ambiente de trabalho. Este ambiente de trabalho é cenográfico, e os trabalhadores são “representados” por atores. De acordo com o Manual do Orientador de Aprendizagem:

O local de trabalho torna-se, portanto, o lugar privilegiado para o ensino de habilidades básicas num contexto de aprendizagem mais corporificada e aplicada do que foi aprendido. Uma integração mais próxima entre o aprender e o fazer é o ponto de partida para o desenvolvimento de competências e habilidades indispensáveis à sociedade (SENAI, 1996, p.28).

Pode-se perceber nas teleaulas a ênfase num trabalhador que sabe realizar diferentes tarefas em seu próprio local de trabalho. Desse modo percebe-se um direcionamento no sentido da formação de um trabalhador polivalente, requisito de empregabilidade no processo de produção toyotista.

A polivalência parece estar sugerida em relação à ocupação do taxista, que aparece, na 1ª teleaula de História do Brasil, “procurando, em um guia de ruas, onde está localizada determinada avenida”. Para realizar seu trabalho, além de saber dirigir, o motorista de táxi precisa saber ler manuais e guias, conhecer os pontos turísticos da cidade e sua história e ter conhecimentos de matemática. Na quinta aula de Matemática, as costureiras aparecem organizando o atelier, ou seja, fazendo o balanço do mês, arrumando os armários, conferindo o material que veio do distribuidor, isto é, realizando diversas tarefas que não só costurar as roupas encomendadas. O Telecurso sugere que diferentes tipos de conhecimentos estão envolvidos no trabalho das costureiras: conhecimentos de desenho, geometria, organização e métodos, entre outros.

A formação polivalente do trabalhador, proposta pelo Telecurso 2000 é congruente com as necessidades do modelo flexível de produção, onde cada trabalhador

é responsável pela operação e manutenção de várias máquinas, exigindo, dessa forma, um sujeito com capacidade de desempenhar diferentes funções na empresa, utilizando diferentes tipos de conhecimento e superando o caráter de fragmentação do conhecimento e da prática. Kuenzer (2002), no entanto, desenvolve uma crítica em relação a esta proposta, referindo que a diversidade de conhecimentos, não significa interligação entre conhecimentos e a superação do caráter de fragmentação, por parte dos trabalhadores que, segundo a autora, continuam, neste modelo, desconhecendo a totalidade do processo de produção.

Um outro aspecto enfatizado, ao longo das teleaulas, é o aprendizado por toda a vida, um processo de educação permanente e a necessidade do trabalhador estar em constante atualização e “aberto” para novas aprendizagens. Nessa perspectiva, a competência de “aprender a aprender” é um componente central na proposta do Telecurso 2000. Duarte (2001), criticando o “aprender a aprender”, refere que, este termo é apresentado como sendo “a arma” na competitividade do mercado atual e na procura por postos de trabalho. Sendo assim, segundo o autor, o “aprender a aprender” aparece como “um lema que sintetiza uma concepção educacional voltada para a afirmação da capacidade adaptativa dos indivíduos” (DUARTE, 2001, p. 38). Neste sentido, Fonseca afirma que

a capacidade de adaptação e de aprender a aprender e a reaprender, tão necessária para milhares de trabalhadores que terão de ser reconvertidos em vez de despedidos, a flexibilidade e modificabilidade para novos postos de trabalho vão surgir cada vez mais com mais veemência. Com a redução dos trabalhadores agrícolas e dos operários industriais, os postos de emprego que restam vão ser mais disputados, e tais postos de trabalho terão que ser conquistados pelos trabalhadores preparados e diferenciados em termos cognitivos. (FONSECA, apud DUARTE, 2001, p. 38)

Outra dimensão sugerida nas teleaulas é a capacidade de autogerenciamento no trabalho, o que remete à formação de um trabalhador autônomo.

Segundo os documentos examinados, o processo formativo deveria ser capaz de desenvolver nos trabalhadores, “*competências cognitivas*” tais como a já mencionada competência: aprender a aprender, pensar criativamente, tomar decisões e resolver problemas e determinadas “*qualidades pessoais*” como: responsabilidade, sociabilidade, auto-regulação, integridade de caráter, além de auto-estima positiva. Deveria ser capaz de oportunizar, também, aos trabalhadores, o desenvolvimento das seguintes “*habilidade básicas*”: Capacidade de organizar o pensamento e de resolver problemas numéricos; ler e interpretar; entender uma língua estrangeira para a leitura de

manuais; dominar conhecimentos de controle de qualidade e economia, para produzir mais e melhor, capacidade de dialogar, para aprender com o outro (SENAI, 1996a, p. 29).

Tais dimensões, presentes nas teleaulas, remetam a um perfil de trabalhador que poderia ser assim descrito, em termos de campo de representação: um trabalhador envolvido na resolução de problemas em seu ambiente de trabalho; um trabalhador autodidata – capaz de aprender a aprender; um trabalhador com capacidade de comunicação.

3. DANDO VOZ AOS TRABALHADORES PARTICIPANTES DO TELECURSO 2000

Em um segundo momento, buscando atingir o segundo objetivo, na tentativa de realizar um movimento entre o que vi, enquanto pesquisadora, representado nas teleaulas, e o que os alunos perceberam nessas teleaulas, entrevistei quatro adultos trabalhadores participantes do Telecurso 2000, residentes da cidade de São Leopoldo/RS. A participação como “telealuno” do Telecurso 2000, em nível de 1º. grau, foi o critério utilizado para a escolha dos sujeitos.

Os sujeitos entrevistados foram os seguintes trabalhadores:

- Vânia⁶, uma mulher de 37 anos, mãe de quatro filhos, casada e, atualmente, estudante de Pedagogia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Vânia trabalhou muitos anos cuidando de crianças (babá) em turno integral e atualmente está desempregada;

- Pedro, um homem de 41 anos, pai de dois filhos, casado, que cursou a 7ª. série do Ensino Fundamental e, atualmente, não está estudando. Pedro desempenhou diversas funções, tais como: garçom, frentista, lavador de carros, representante comercial. Hoje trabalha como motorista;

- Márcia, uma mulher de 55 anos, mãe de dois filhos, casada, que concluiu o Ensino Fundamental e, atualmente, não está estudando. Márcia trabalhou como operária em fábrica de calçados, como costureira. Hoje trabalha como doceira autônoma, produzindo doces e salgados, em sua residência.

- Bruno, um homem de 20 anos, pai de um filho, casado, que não concluiu o Ensino Fundamental quando da realização das Teleaulas 2000 e atualmente

⁶ Os nomes dos sujeitos da pesquisa foram alterados.

não está estudando. Trabalha como segurança em uma loja de eletro-eletrônicos no centro da cidade de São Leopoldo, tendo trabalhado também como pedreiro.

Nas entrevistas com os sujeitos da pesquisa, identifiquei que *os entrevistados não percebiam a vinculação do Telecurso 2000 com o trabalho de cada um ou com o trabalho de maneira geral*; não perceberam que o Telecurso 2000 era um projeto de educação a distância que tinha por objetivo uma educação voltada para o trabalho. Conforme depoimentos dos entrevistados:

Eu nunca olhei para as fitas nesse sentido de trabalho. Nunca achei que ele fosse voltado pra isso, achei que era só pra terminar o 1º grau e pronto (Márcia).

Ah... eu acho que não tem nada a ver, educação pro trabalho, vai ensinar o quê? Educou o cidadão como a aula de Português queria fazer? Eu acho que ninguém tava pensando nisso, nesse vínculo, daquela turma lá pelo menos. Nunca prestei a atenção, (...) creio que ninguém prestou... porque ninguém nunca comentou. Nós nunca olhamos por esse ângulo, nunca ninguém falou isso, que tava vinculado ao trabalho (Vânia).

Face às respostas de não reconhecimento do Telecurso 2000 como programa de educação a distância voltado para a educação do trabalhador, assumi uma atitude de cautela nos meus questionamentos posteriores, levantando duas questões intermediárias que pudessem produzir uma mediação entre a questão inicialmente formulada e a questão de pesquisa presente no segundo objetivo: “Como os trabalhadores se vêem representados nas teleaulas do Telecurso 2000?”.

Uma das questões intermediárias lançada para a discussão com os entrevistados foi: “Como os entrevistados viam os trabalhadores apresentados nas teleaulas?”.

Em resposta a esta questão, os entrevistados afirmaram que *viam os trabalhadores como atores representando papéis de trabalhador*.

Foram inúmeras as afirmações dos entrevistados nesta direção:

Esses caras não são pedreiros mesmo... eles tão ali fazendo de conta. Na verdade eles são atores da Globo. Eu lembro que tinha uma aula que um ator bem famoso fazia um camelô⁷. São todos atores ali (Bruno).

Não era uma pessoa... não era um trabalhador, (...) nenhum deles era trabalhador, (...) na realidade era tudo artista se passando por trabalhador (Vânia).

⁷ Na sétima teleaula de História do Brasil – O desenvolvimento das cidades – aparece um ator representando o papel de um camelô do centro de São Paulo. O ator Roberto Bonfim, “o camelô”, atualmente trabalha na novela “Celebridade”, que é transmitida de segunda a sábado, por volta das 21 h, na Rede Globo de Televisão.

Em face dessa resposta – *atores representando papéis de trabalhadores* –, busquei problematizar junto aos entrevistados o seguinte: “Se os trabalhadores representados são atores que desempenham papéis de trabalhadores, que papéis de trabalhadores são representados pelos atores nas teleaulas do Telecurso 2000?”.

Os entrevistados afirmaram que a forma como os trabalhadores eram representados não correspondia à percepção que os mesmos tinham a respeito dos trabalhadores “reais”. Conforme depoimentos dos entrevistados:

Não tinha característica nenhuma de trabalhador, (...) tanto que ninguém notava que eles eram trabalhadores, os artistas não se passam em hipótese alguma por trabalhadores. Eles não têm na realidade característica nenhuma de trabalhador, a não ser pelas roupas sujas, era a única coisa que eles tinham (Vânia).

Eu acho que o pedreiro só tava vestido de pedreiro porque ele tava numa obra, mas ele não era um pedreiro de verdade, não tinha nada a ver com um pedreiro de verdade. A gente tá acostumada a ver pedreiros e tal, na vida da gente, aquilo ali não tinha nada a ver... totalmente fora da realidade (Márcia).

Comentando sobre as cenas de uma das teleaulas, Pedro afirmou que:

O cara tá lá fazendo de conta que tá trabalhando. Tudo bem. Mas na vida real, o trabalhador tem que trabalhar; imagina se um cara desses vai conseguir trabalhar em algum lugar “aqui fora” dessa novelinha (Pedro).

No meu tempo, a não ser que mudou nesses dois anos, (...) mas o que eu me lembro é que imagina se eu ia ficar contando tijolo. Era a olaria que mandava tudo o que o mestre de obras orçou lá. Se ela mandasse errado, o mestre de obras não indicava mais e falava mal dela pra todos os amigos pedreiros. [...] Nada a ver, nada mesmo... isso não existe... esses caras não têm noção do que é ser pedreiro (Bruno).

Desse modo, em relação à questão de pesquisa – “Como os trabalhadores se vêem representados nas teleaulas dos Telecurso 2000” –, os entrevistados revelaram não se virem representados nas teleaulas. Conforme dados já apresentados, ao responderem ao questionamento, os entrevistados trouxeram elementos de sua experiência de vida enquanto trabalhadores, fazendo relações entre sua experiência de trabalho e as ações desenvolvidas pelos trabalhadores representados nas teleaulas.

Embora os trabalhadores entrevistados não se vissem representados nas teleaulas, é importante referir que dois deles destacaram determinadas habilidades que, no seu entender, foram muito enfatizadas no desenvolvimento do Telecurso: a habilidade de ler e interpretar textos e a habilidade de dialogar e aprender com o outro. Em relação a primeira habilidade, Vânia afirmou: *A gente aprendeu o quê? A interpretar textos... no Telecurso tu aprende a interpretar texto e português... e muito*

pouco também ... eles querem saber quem tá falando, no segundo ou terceiro parágrafo quem tá pensando, o que ele fez (Vânia). No que se refere à habilidade de dialogar e aprender com o outro os entrevistados salientaram que a maior parte do que aprenderam nas telessalas foi com o colega ou com o orientador de aprendizagem. Vânia refere: *“Eu aprendi bastante com o Evandro (orientador de aprendizagem) ... eu lembro bastante das aulas, do que ele falava, das explicações ... não da fita...” (Vânia).*

Ao final das entrevistas, foi solicitado aos entrevistados que fizessem uma rede de associações, a partir de três palavras-chave. A rede de associações tinha por objetivo identificar as representações que os adultos trabalhadores tinham a respeito de trabalho, trabalhador e formação do trabalhador. A aplicação da técnica da associação livre junto aos quatro adultos entrevistados, delineou um padrão de respostas semelhante aquele identificado nas entrevistas.

4. À GUIA DE CONCLUSÃO

A que reflexões os resultados desta pesquisa aqui relatados nos remetem?

Os resultados da pesquisa desenvolvida não podem ser generalizados, pois se trata de uma pesquisa de natureza qualitativa. Seus resultados, no entanto, impõem algumas reflexões sobre a questão da formação das representações através dos meios midiáticos, e da influência dessa formação nos processos de educação do trabalhador. Conforme relatado, a partir das entrevistas, foi possível perceber que os adultos trabalhadores, sujeitos do projeto, não se viam representados nas teleaulas.

Em relação a isso, uma das possibilidades de reflexão é a de que o Telecurso 2000 pretende que o trabalhador, não se vendo nas teleaulas, subjetive a necessidade de “modernização”, e passe a querer alcançar aquele ideal de trabalhador, inexistente na vida real, segundo os entrevistados, mas qualificado positivamente pelo projeto.

Outra reflexão a que me remete o presente estudo diz respeito à questão da “formação” do trabalhador e à experiência de formação desse trabalhador. Neste sentido, penso ser necessário questionar em que medida o Telecurso 2000 “forma” o trabalhador, e qual a “força” dessa formação, se estes não se viam representados nas teleaulas. Em relação a isso, destaco a passagem de uma das entrevistadas que afirma que:

Ele [o Telecurso] não consegue formar nenhum [trabalhador]...porque os trabalhadores já chegam aqui com uma finalidade, todos já sabem o que querem, o que são [...] o que vão fazer...eles entram no cursinho já sendo [...], já sendo trabalhador, o Telecurso na realidade não forma nenhum trabalhador [...] de repente o Telecurso começou a formar,

mas a maioria já entrava sendo o que era [...] ninguém queria se formar pro trabalho (Vânia).

No momento em que este estudo “termina”, e que seus resultados me surpreenderam, percebo a fragilidade em querer “falar pelos outros” - objetivo inicial de minha pesquisa. No decorrer do processo de produção da pesquisa, percebi a necessidade do “movimento” entre minha fala e a escuta dos “sujeitos” que viveram aquele processo formativo através do Telecurso 2000. Pode um pesquisador falar do sentimento e da prática de outra pessoa?.

Em relação a isso, destaco uma passagem do livro de Susan Sontag - *Diante da dor dos outros* (2003) -, onde a autora afirma que não podemos falar sobre a “dor dos outros”, já que ninguém sabe, além da própria pessoa, o que a mesma sente; por mais que tentemos saber e sentir, sempre será um olhar “estranho”, um olhar “de fora”, enfim, um olhar de espectador. Neste sentido, Sontag (2003) afirma que: “nenhum “nós” deveria ser aceito como algo fora de dúvida quando se trata de olhar a dor dos outros” (SONTAG, 2003, p. 12).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELLSWORTH, Elisabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 07-76.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas: Autores Associados, n. 20, p. 83-94, maio/set. 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Página inicial**. Disponível em: <<http://www.frm.org.br>>. Acesso em: 13 maio 2003.

KUENZER, Acácia. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: SANFELICE, José Luis, SAVIANI, Dermeval, LOMBARDI, José Claudinei. (Orgs.) **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 77 – 96

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RANGEL, Mary. **“Bom aluno”: real ou ideal?: o quadro teórico da representação social e suas contribuições à pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SÁ, Celso Pereira. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane Paris. **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 19-45.

SENAI-RS. **Capacitação de orientadores de aprendizagem do Telecurso 2000**: 1^a etapa. Porto Alegre: Diretoria Técnica / Gerência de Desenvolvimento Educacional, 1996a.

SENAI-RS. **Manual do orientador de aprendizagem**. Porto Alegre: Diretoria Técnica / Gerência de Desenvolvimento Educacional, 1996b.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TELECURSO 2000. **Página inicial**. Disponível em: <<http://www.Telecurso2000.org.br>>. Acesso em: 20 de maio de 2003.